
HUSSERL E O ARTIGO PARA ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA (1927): PROJETO DA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA

Brunara Batista dos Reis¹

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.

Adriano Furtado Holanda

Universidade Federal do Paraná, Brasil.

Tommy Akira Goto

Universidade Federal de Uberlândia, Brasil.

RESUMO. O objetivo deste trabalho é a análise do artigo sobre a Fenomenologia exposta na Enciclopédia Britânica, publicado em 1927, de Edmund Husserl, explicitando o projeto de uma psicologia fenomenológica. Entre os anos 1925 até 1928, Husserl realiza importantes desenvolvimentos concernentes ao tema da fenomenologia e da psicologia fenomenológica, apresentando o *projeto* de uma psicologia fenomenológica em obras como “Psicologia Fenomenológica”, de 1925, “Artigo da Enciclopédia Britânica” (1927), “Conferências de Amsterdam”, de 1928, e “A crise das ciências europeias e a Fenomenologia Transcendental” (1954). Husserl buscou fundar uma filosofia rigorosa e, ao mesmo tempo, formulou uma psicologia racional e pura, isto é, uma psicologia fenomenológica dentro da fenomenologia filosófica. Além de uma introdução à fenomenologia, Husserl destaca no artigo a psicologia *a priori* pura como fundamento metódico sobre o qual pode por princípio erguer-se uma psicologia empírica cientificamente rigorosa, então, é preciso ir à própria fenomenologia filosófica, compreendendo-a em face da psicologia para pensarmos genuinamente no projeto que Husserl propôs. Assim, a importância deste estudo se dá a partir da necessidade de retomar o que é uma psicologia autenticamente fenomenológica.

Palavras-chave: Psicologia; fenomenologia; filosofia.

HUSSERL AND THE ARTICLE OF ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA (1927): PROJECT OF PHENOMENOLOGICAL PSYCHOLOGY

ABSTRACT. The aim of this paper is the analysis of Edmund Husserl’s article in the Encyclopaedia Britannica, published in 1927, explaining the project of a phenomenological psychology. Between the years 1926 until 1928, Husserl makes important developments concerning the topic of Phenomenology and phenomenological psychology, presenting the *project* of a phenomenological psychology in works like “Phenomenological Psychology” (1925), “Article for the Encyclopaedia Britannica” (1927), “Amsterdam Lectures” (1928), and “The Crisis of European Sciences and Transcendental Phenomenology” (1954). Husserl sought to establish a strict philosophy and, at the same time formulated a rational and pure psychology, namely, a phenomenological psychology inside the philosophical phenomenology. In addition to an introduction to the Phenomenology, Husserl contrast in the *Article*, the *a priori* pure psychology as the methodical foundation whereupon may in principle rise a scientifically rigorous empirical psychology, then it’s necessary to go to the proper philosophical phenomenology, understanding it in the face of psychology to genuinely think about the project that Husserl proposed. So, the importance of this study starts from the need to retake what is a truly phenomenological psychology.

Keywords: Psychology; phenomenology; philosophy.

HUSSERL Y EL ARTÍCULO DE LA BRITANNICA (1927): PROYECTO DE PSICOLOGÍA FENOMENOLÓGICA

¹ E-mail: bru_2006@hotmail.com

RESUMEN. El objetivo de este estudio es hacer un análisis del Artículo de Husserl de la Enciclopedia Británica, publicado en 1927, explicando el proyecto de una psicología fenomenológica. Entre los años 1925 hasta 1928, Husserl hace avances importantes en relación con el tema de la fenomenología y psicología fenomenológica, presentando el proyecto de una psicología fenomenológica en obras como "La psicología fenomenológica" (1925), "Artículo de la Enciclopedia Británica" (1927), "Conferencia de Ámsterdam" (1928) y "La crisis de las ciencias europeas y la fenomenología trascendental" (1954). Husserl trató de establecer una filosofía estricta y al mismo tiempo formuló una psicología racional y pura, es decir, una psicología fenomenológica en la fenomenología filosófica. Además de una introducción a la fenomenología, Husserl destaca en el *Artículo* la psicología pura *a priori* como una base metódica acerca de lo que puede surgir en principio una psicología empírica científicamente estricta, entonces tienes que ir a la propia fenomenología filosófica y comprenderla en la cara de la psicología y a pensar auténticamente sobre el proyecto que propone Husserl. Así, la importancia de este estudio parte de la necesidad de reanudar lo que es verdaderamente una psicología fenomenológica.

Palabras-clave: Psicología; fenomenología; filosofía.

Introdução

O objetivo deste artigo é analisar o projeto de uma psicologia fenomenológica pura, no pensamento de Edmund Husserl, tendo por base o "Artigo para a Enciclopédia Britânica" (1927)², em suas versões em inglês e em espanhol. A versão em inglês, com tradução de Richard E. Palmer, foi publicada em 1971 (*Phenomenology – Britannica Article, Fourth Draft*. Volume 2, Issue 2), e a versão do espanhol, com tradução de Antonio Zirió Quijano, publicada em 1990 (*El Artículo De La Encyclopaedia Britannica*), do original, *Der Encyclopaedia Britannica Artikel*, publicado na *Phänomenologische Psychologie, Vorlesungen Sommersemester 1925. Husserliana (Edmund Husserl Gesammelte Werke), Band IX, herausgegeben von Walter Biemel*.

A tradução do artigo de Husserl foi feita em um processo envolvendo um grupo do Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade, da Universidade Federal do Paraná, a partir de um grupo de estudos, dividindo-se em trabalhos intimamente relacionados, associando graduação (atividade de extensão, pesquisa e monografia) e pós-graduação (mestrado). A tradução desse texto se justifica não apenas por sua relevância – visto envolver dois dos maiores pensadores do século XX, Edmund Husserl (1859-1938) e Martin Heidegger (1889-1976) – como também por ser um documento que expressa, de forma condensada, todo um projeto (à época em andamento) e um conjunto de ideias que viriam a ser ainda desenvolvidas. A tradução foi feita durante o último semestre de 2015, com base principalmente na versão americana – *Rascunho (Draft) D* – e, a partir dessa primeira versão, foi possível iniciar o grupo de estudos com o auxílio da versão em espanhol.

A metodologia adotada para o estudo do projeto de uma psicologia autenticamente fenomenológica foi a análise do *Artigo* de 1927, por englobar os conceitos básicos da fenomenologia em sua relação com a psicologia de forma mais resolvida que a proposta de 1925, em *Phänomenologische Psychologie* (Husserl, 1925), por exemplo, quando Husserl pontuou os seguintes temas no *Artigo*: a aparição dos fenômenos à consciência, a intencionalidade, a redução fenomenológica, a redução eidética e a questão transcendental da consciência. Além disso, ele discutiu o psicologismo em sua última forma e a possibilidade de uma psicologia pura ou psicologia fenomenológica em comparação com a psicologia científica, baseada nas ciências naturais. Husserl não sintetizou sua teoria em um único texto, o *Artigo* é uma espécie de "recorte" do projeto da psicologia fenomenológica. Por mais que as dificuldades tradutórias pudessem estar presentes nesse tipo de texto, considerando as expressões no contexto fenomenológico próprias à sua terminologia, objetivamos manter o sentido original da obra, o mais próximo possível ao sentido de mundo que Husserl propôs. Concordando com a proposta de não cessar a investigação, buscamos, assim, interpretar a obra de Husserl sem a pretensão de concluir as ideias sobre a psicologia fenomenológica. A versão final desta tradução está em processo de revisão, para posterior publicação.

Entre setembro e dezembro de 1927, Husserl compôs uma introdução para a fenomenologia para leigos a ser publicada na 14ª edição da Enciclopédia Britânica, em 1929. O texto de Husserl passou

² A partir deste momento nos referiremos a esse texto apenas como o *Artigo*.

por quatro versões (*Rascunho A, B, C e D*) e duas condensações editoriais sob outras mãos (*Rascunho E e F*). Esses textos como um todo são referidos como “O Artigo para Enciclopédia Britânica” ou simplesmente “O Artigo”. A própria versão final de Husserl, rascunho D, nunca foi inteiramente publicada em vida, pois a versão alemã apareceu somente em 1962. O rascunho D foi primeiramente publicado em 1925, contudo, na 14ª edição da Enciclopédia Britânica, foi publicado, sob a assinatura de “E.Hu”, um artigo de 4.000 palavras, intitulado “Phenomenology”. No entanto a composição feita para o inglês por Dr. Christopher V. Salmon de Oxford, por mais que houvesse o consenso de Husserl, não é tanto uma tradução quanto uma paráfrase da versão final do artigo de Husserl para a Enciclopédia Britânica, portanto, não tão fiel.

Husserl, na evolução de suas ideias, defendeu a tese de que a completa realização de uma psicologia só seria possível por meio de uma fenomenologia, mas sua concepção da fenomenologia se diferencia um pouco daquela apresentada na “Ideias para uma Fenomenologia Pura e uma Filosofia Fenomenológica” (1913). Isso porque uma das formas de entendermos a fenomenologia pode ser por meio da sua relação com a psicologia pura (Husserl, 1927/1990) – a parte que nos interessa discutir aqui – e também como uma filosofia transcendental estática e depois genética (Husserl, 1936/1989). Husserl afirmou que a fenomenologia tinha como uma de suas funções propiciar as bases para uma psicologia empírica, mas na década de 1920 ele passou a atribuir essa tarefa não à fenomenologia transcendental, mas ao que denominou de psicologia eidética ou fenomenológica. É importante ressaltar que a fenomenologia é um modo de acessar a si mesmo, a sua interioridade, dessa forma, ela pode ser mais bem apropriada pela psicologia em seus aspectos metodológicos, sem tornar-se, contudo, um modelo explicativo da realidade psíquica. Portanto, não podemos confundir o projeto de uma psicologia fenomenológica, como proposto por Husserl, com a etapa psicologista do seu pensamento, nem mesmo com as diversas perspectivas ditas “fenomenológicas” de psicologia (Goto, 2008; Holanda, 2014).

Goto (2008) pontua em seu trabalho a razão pela qual a psicologia fenomenológica surgiu, quando Husserl viu a necessidade de formular uma psicologia racional pura e não experimental, uma vez que criticava a psicologia científica, pois esta subordinava às leis da natureza e da causalidade/determinismo o psiquismo. Husserl criticava o denominador comum de todas as psicologias científico-naturais, que é o naturalismo e a causalidade (Porta, 2013). Assim, a fenomenologia apareceu como uma ciência rigorosa, originária, capaz de fundamentar a filosofia, as ciências empíricas e a psicologia. Sua importância pode ser destacada pela sua posição crítica à ciência, de tal modo que permite a construção de outros modos de apreensão da realidade em que se dá a recolocação do sujeito num contexto histórico e mundano (Holanda, 2014). Com a publicação do *Artigo*, Husserl pretendeu fornecer uma introdução breve para leigos. O que há de novo em 1927 é o modo com que Husserl concebeu a redução psicológica, passando a distinguir explicitamente entre uma redução-psicológico-fenomenológica e uma redução-fenomenológico-transcendental, e nesse período houve a compreensão e superação final e definitiva do psicologismo transcendental, temas discutidos no decorrer deste trabalho.

1. Contexto do filósofo e sua obra

Edmund Husserl foi matemático e filósofo, nasceu em 8 de abril de 1859. Em 1884 foi para Viena, onde, sob a influência de Franz Brentano, descobriu sua vocação filosófica. Ensinou filosofia, na Universidade de Halle, no curso de psicologia, onde permaneceu de 1887 a 1901. Husserl contrariou o cientificismo naturalista e o logicismo, tendo, assim, como seu objetivo, a inauguração de um novo fundamento, uma teoria das teorias, fosse da lógica pura ou da psicologia, e daí surgiu a fenomenologia como fundamentação para as ciências. Husserl lecionou em Göttingen, de 1901 a 1916, e nessa época avançou seus estudos sobre a fenomenologia. O período de Göttingen foi importante para o desenvolvimento do método fenomenológico e da redução, além disso nesse período Husserl destacou a passagem da fenomenologia eidética à fenomenologia transcendental (Goto, 2008). Em 1916, Husserl passou a lecionar na Universidade de Freiburg, onde Martin Heidegger tornou-se seu assistente de 1919 a 1923. O “Artigo” de 1927 foi publicado em uma época importante para a fenomenologia, e tanto Husserl quanto Heidegger buscavam a expressão conjunta do caráter

básico da fenomenologia. A radicalidade da fenomenologia de Husserl funda-se justamente no projeto de reconsiderar o mundo e a subjetividade, a partir da suspensão de toda e qualquer existência, e por isso afirma que o lugar do transcendental é neutro, pois suspende qualquer ontologia já estabelecida. Ao suspender a tese existencial, ressalta a redução à consciência.

A fenomenologia diferencia-se da psicologia, porque formula sua própria metodologia, porém ambas têm a consciência como objeto, têm como fundamento a subjetividade, e isso levou ao estudo mais completo do tema. Nos anos de 1925-1928, Husserl realizou importantes desenvolvimentos referentes ao tema da psicologia fenomenológica. Considerando que a psicologia não poderia ser o fundamento para uma filosofia transcendental, Husserl indicou a fenomenologia como uma possibilidade para uma psicologia fenomenológica, e esta como estrutura da psicologia científica.

2. Breve comentário do “Artigo para Enciclopédia Britânica” de 1927

O *Artigo* gira em torno de três temas importantes para o desenvolvimento do projeto da psicologia fenomenológica, de Husserl: 1) a psicologia pura, seu campo de experiência, seu método e função; 2) a psicologia fenomenológica e a fenomenologia transcendental; e 3) a fenomenologia transcendental e a filosofia como ciência universal em fundamentação absoluta. Husserl define a fenomenologia como um novo método descritivo, destinado a fornecer a base fundamental para uma filosofia rigorosamente científica e que, a um desenvolvimento consequente, possibilitará uma reforma de todas as ciências. No entanto, ao definir a fenomenologia, diz que, ao mesmo tempo que ela, surgiu a psicologia pura/fenomenológica. Assim, com esse *Artigo*, revelou conceitos já expostos e delimitou o estudo do projeto da psicologia fenomenológica (Husserl, 1927/1971; 1927/1990).

2.1 Primeira parte: a ideia de uma psicologia pura

Na primeira parte do *Artigo*, “A psicologia pura, seu campo de experiência, seu método e função” (dividida em cinco temáticas), Husserl atenta que a descoberta do psíquico (psicologia moderna) muda nossa compreensão em relação ao mundo, pois coloca nosso ser em uma posição diferente no mundo, mesmo que tenhamos proximidade com os animais. Isso porque passamos da “atitude natural”, que nos faz estar ocupados com quaisquer objetos reais ou ideais, para um olhar experimentador sobre o psiquismo, por meio da reflexão. Além disso ressalta que toda experiência pode estar sujeita a tal reflexão, como podem, efetivamente, todas as maneiras em que nos ocupamos com qualquer objeto real ou ideal.

A tarefa da psicologia pura é a refundação da filosofia, proporcionando as bases metodológicas para adquirir o mesmo *status* da psicologia científica, por meio da fixação precisa de seus conceitos fundamentais. A superação da situação de desvantagem da psicologia em relação às ciências da natureza só é possível mediante o cumprimento de tal tarefa. Isso exige o estabelecimento de uma disciplina específica, a psicologia pura. Ela é pura enquanto considera o psíquico em sua especificidade e sua radical diferença de tudo que é físico. “...O caráter fundamental do psíquico é a intencionalidade... O ser do psíquico, enquanto intencional, não é outra coisa que o ser do fenômeno. Assim sendo, uma psicologia pura não é outra coisa que uma psicologia autenticamente fenomenológica” (Porta, 2013 p.72).

Husserl explicita que, quando totalmente engajados na atividade consciente, focamos exclusivamente algo específico, como pensamentos ou valores, mas não na experiência psíquica como tal, pois só a reflexão é capaz de revelar isso. Por meio dela, ao invés de simplesmente compreender diretamente (p.ex., os valores) os elementos objetivos da experiência psíquica, nós compreendemos as experiências subjetivas correspondentes das quais nos tornamos “conscientes”. Por essa razão elas são denominadas “fenômenos”, e sua característica essencial mais geral é serem como “consciência-de”, de coisas específicas, pensamentos (juízos, razões, consequências), decisões etc. (Husserl, 1927/1971, p.2).

Dessa forma, a característica essencial dos “fenômenos” é que sempre estão vinculados a uma subjetividade. O termo *fenômeno*, em Husserl, assume um sentido diferente, uma vez que “é tudo aquilo que aparece ou surge no campo da consciência como algo puro e absoluto, não existindo

nenhuma mera aparência nem sendo um aparecimento objetivo” (Goto, 2008, p. 65). Husserl enfatiza que, se esse reino dos “fenômenos” se mostra como campo possível de uma disciplina psicológica pura, relacionado exclusivamente ao fenômeno, é compreensível que esta última se caracterize como psicologia fenomenológica. Além disso tece o caráter fundamental do ser como consciência, como consciência de alguma coisa, considerando que todo aparecer é aparecer de algo em relação a alguma coisa - eis a intencionalidade. Isso significa que Husserl buscava uma filosofia do “retorno às coisas mesmas”, isto é, àquilo que podemos intuir de forma livre e espontânea, realizando, assim, a descrição do aparecimento dos fenômenos à consciência. Com relação aos modos de aparecer dos objetos e as vivências deles, não vivemos separadamente o objeto e o ato intencional, mas na aparição do objeto está contida a vivência desse objeto que aparece. A intencionalidade constitui síntese ou unidade, uma constituição ativa e ligada à passiva. Ao perceber um cubo, por exemplo, por mais que haja variações nos modos de aparição, teremos a consciência do cubo enquanto cubo-percebido. No método fenomenológico, a análise da intencionalidade da consciência contempla a correlação entre sujeito e mundo, isto é, Husserl chegou a essa conclusão por meio da descoberta do “a priori da correlação universal”, a qual tem como ideia central a concepção que sujeito e objeto são inseparáveis (Goto, 2008).

Husserl no *Artigo* de 1927 assegura que, por mais que a experiência do outro não seja imediata como é a minha experiência (si-mesmo), ambas são experiências, na qual surge a tarefa de também fazer compreensíveis fenomenologicamente a vida psíquica da pessoa e a da comunidade com todas as intencionalidades que se referem a ela. Fica a questão: Como diferenciar a experiência externa, do mundo, daquilo que é puramente psíquico, como um campo fechado de ser, para que a experiência fenomenológica seja possível? Husserl explica que um método particular de acesso é necessário para o campo fenomenológico puro: “o método da redução fenomenológica”, sendo, pois, “o método fundamental da psicologia pura, o pressuposto de todos seus métodos especificamente teóricos” (Husserl, 1927/1971, p.4). Dessa forma, Husserl planeja para a filosofia a possibilidade de desfazer-se da obscuridade, por meio do método fenomenológico, levado às suas extremas consequências, o “voltar às coisas mesmas”, o retorno à consciência. É necessário para isso a *epoché* consistente do fenomenólogo no sentido de tematizar a consciência pura, porque é uma suspensão da nossa atitude natural e essa atitude ofusca logo de início o nosso contato com as coisas evidentemente apodíticas (Goto, 2008). Ou seja, conforme Husserl, trata-se de excluir do campo fenomenológico o mundo real que existe para o sujeito simples e absoluto; “... mas em seu lugar se apresenta o mundo como dado na consciência (percebido, lembrado, julgado, pensado, valorado, etc.) “como tal, o ‘mundo entre parênteses’...” (Husserl, 1927/1971, p.4).

A partir disso, Husserl observa que o método da redução fenomenológica é constituído em conformidade com o duplo aspecto das descrições fenomenológicas, a análise noético-noemática. É com a identificação da natureza da consciência intencional e da natureza constitutiva dos objetos intencionais que chegamos ao sentido pleno da aparição dos fenômenos. Isto é, na correlação sujeito-objeto encontramos dois polos no sujeito, um caracterizado pelo ato que visa (noese) e o polo da coisa visada (noema). Acerca da fundamentação da fenomenologia, a indagação de Husserl de como é possível que o sujeito cognoscente alcance, com certeza e evidência, uma realidade que lhe é exterior. Por meio da *noese*, que são os atos de doação, a consciência visa a certo objeto de certa maneira, sendo o conteúdo ou significado desses objetos visados o *noema* (Whitehead, 2015). Além disso Husserl (1927/1971) atenta para outra importância do método redutivo, quando este é transferido da própria experiência para a experiência dos outros, na medida em que pode ser aplicado para a vida psíquica prevista do outro e efetuar o correspondente “por entre parênteses” e a correspondente descrição subjetiva do “como” da sua aparência e o que está aparecendo (“noesis” e “noema”) (p.5).

Husserl parte para a temática da redução eidética, na qual se evidencia a mudança de polarização coisa-polo para eu-polo, e faz com que a fenomenologia se redirija analiticamente do objeto ao ego transcendental. A redução transcendental suscita a passagem da atitude natural para a fenomenológica, já que a redução eidética destaca a captação da essência dos fenômenos e a constituição dos sentidos do mundo, ou seja, o que Husserl intitulou redução às essências. Dessa forma, se a redução fenomenológica planejou um meio de acesso ao fenômeno da real e também potencial experiência interior, Husserl afirma: “... o método fundado nele de “redução eidética” fornece

os meios de acesso às estruturas essenciais invariantes da esfera puramente psíquica em sua totalidade” (Husserl, 1927/1971, p. 6). A psicologia fenomenológica deve ser estabelecida como uma “fenomenologia eidética”, e, então, dirigida exclusivamente para as formas psíquicas essenciais e invariantes. Portanto, a fenomenologia diz respeito à ciência das essências, de forma que, como uma ciência *a priori*, desenvolvida rigorosa e sistematicamente, busca reformular metodologicamente a filosofia e a ciência. Ao abordar a fenomenologia eidética, Husserl afirma que é por meio da compreensão da essência – entendida como tudo aquilo que está presente em cada fenômeno, isto é, as essências (eidos) são as formas características do aparecer dos fenômenos, “o *eidos* é pura possibilidade (idealidade)” (Goto, 2008, p.82) – que uma ciência do tipo fenomenológica é possível. “A toda experiência singular e concreta, isto é, a todo <fenômeno> ou dado patente à consciência, correspondem, assim, essências (*eidos*), mediante as quais as experiências, dados ou fenômenos se situam e ordenam numa <região>, que representa a suprema unidade genérica relativa a essas experiências, fenômenos ou dados” (Carvalho, 1965, pp. 55- 56)

Ao concluir a primeira parte do *Artigo* de 1927, Husserl pontua que a psicologia fenomenologicamente pura é necessária como alicerce da psicologia empírica “exata”, esta tomando por modelo o das ciências exatas puras de natureza física. Porém há diferenças com relação ao *a priori* de cada uma: os métodos da ciência natural e da psicologia são essencialmente diferenciados, mas existe um terreno comum necessário, o de que a psicologia, como toda ciência, só pode extrair o seu “rigor” a partir da racionalidade do que está em conformidade com a sua essência.

Para a fenomenologia ser uma “filosofia primeira”, como denominou Husserl, não bastava apenas a redução eidética, que busca a compreensão do *a priori* como *eidos* (essência) e que constituirá o processo de conhecimento das coisas e de si, mas “era preciso acessar outros níveis até chegar as camadas puras ou transcendentais; camadas estas que garantiriam a construção da nova “ciência” projetada por Husserl” (Goto, 2008, p. 84). E, para a construção sistemática de uma psicologia fenomenologicamente pura, é necessário, em síntese, descrever as peculiaridades universalmente pertencentes à essência de um processo psíquico intencional, o qual se refere a um “eu” como tema de crenças, como assunto pessoal de hábitos, de um saber adquirido, de certas qualidades do caráter. Assim, também demanda a exploração dos processos psíquicos intencionais, em consonância com a exploração das sínteses da consciência às quais os processos intencionais são pertencentes e a demonstração da descrição das características essenciais de um fluxo de consciência universal.

Por fim, Husserl (1927) diferencia a fenomenologia estática da genética, já que a análise descritivo-estática das essências conduz a problemas de gênese. Dessa forma, ao elaborar o projeto de uma fenomenologia pura e suceder a análise reflexiva dos fenômenos, visando apreender sua essência pela intuição eidética, Husserl pretendia explicitar os atos intencionais e seus conteúdos. Ao conceber a *fenomenologia estática*, Husserl buscou fundamentar não só a consciência intencional como também “a forma ou os modos de se darem as coisas (significados)” (Goto, 2008, p.88). No entanto a análise do fenômeno intencional era feita do ponto de vista estático e por isso ele não se dispunha em justificar a gênese desse fenômeno. Husserl afirma no *Artigo* que em cima da primeira *fenomenologia estática* será construída, em níveis mais profundos, uma *fenomenologia genética*. Para além do fenômeno, ela lidará com a gênese da passividade como a primeira gênese fundadora, na qual o “eu” não participa ativamente. Nesse sentido, a teoria eidética passará a lidar também com o puramente psíquico, ou seja, o “Eu”, dentro das formas estruturais invariantes de consciência que existe “como ‘eu’ pessoal e está consciente de si mesmo em contínua validade habitual como algo que segue transformando-se sempre” (Husserl, 1927/1971, p.7). Nessa passagem da fenomenologia estática para a genética é interessante apontar, como Goto (2008) ressalta, que muitos fenomenólogos e psicólogos que se baseiam na fenomenologia se restrinjam ao nível descritivo-estático da fenomenologia. Por isso devem ter conhecimento da flexibilidade do método fenomenológico, proposto por Husserl, e de seus vários níveis, para cumprir com aquilo que o autor propôs, uma vez que a fenomenologia não deve ser concebida como uma nova abordagem da psicologia, mas como um pressuposto epistemológico.

2.2 Segunda parte: da fenomenologia transcendental à psicologia fenomenológica

Nessa parte, intitulada “Psicologia Fenomenológica e Fenomenologia Transcendental”, também dividida em cinco temáticas, Husserl discorre primeiramente sobre a denominada virada transcendental de Descartes e o psicologismo de Locke, pois a ideia da psicologia puramente fenomenológica, além de reformar a psicologia empírica, leva-nos de volta a esses autores, já que o problema transcendental tem sua origem com eles:

O método da dúvida de Descartes foi o primeiro método de exibição da “subjetividade transcendental” e seu ego cogito levou à sua primeira formulação conceitual. Em Locke, os homens transcendentalmente puros de Descartes são transformados em alma humana, cuja exploração sistemática através da experiência interior empreende Locke por um interesse transcendental - filosófico. E assim ele é o fundador do psicologismo como uma filosofia transcendental fundada através de uma psicologia da experiência interior. O destino da filosofia científica depende de uma superação radical de todo traço de psicologismo, uma superação que não só expõe a contradição inicial do psicologismo, mas também faz jus ao seu núcleo de verdade transcendentalmente significativo (Husserl, 1927/1971, p.8).

Desde o início, Husserl combate a psicologia como disciplina filosófica fundamental e refuta o psicologismo em “Prolegômenos para uma lógica pura”, de 1900, por ser derivado de determinados projetos de psicologia empírica, assim, não pode ser generalizado a todo projeto psicológico (Porta, 2013). Se, em 1900, Husserl combate o psicologismo lógico, derivado da psicologia empírica, a partir de 1906, após a virada transcendental e a descoberta da redução transcendental, o autor passa a combater o psicologismo transcendental em suas várias formas. “O psicologismo tem uma “motivação transcendental” ou possui um “núcleo de verdade transcendental” porque parte corretamente do princípio de que todo objeto deve necessariamente se constituir na consciência” (Porta, 2013, p.63). Durante a década de 1920, Husserl desenvolve o projeto de uma psicologia pura, em 1925, concebe uma redução propriamente psicológica e elabora a via psicológica para a redução transcendental. É relevante para este trabalho a explicitação, em 1927, de uma compreensão última e superação do psicologismo transcendental, em sua forma mais refinada (Porta, 2013; Balbotín, 2015).

Para Husserl, a redução transcendental é a suspensão sobre qualquer conhecimento para deter-se à consciência pura. Refere-se a um eu transcendental, e não pessoal-empírico, enquanto ser que conhece, sente, deseja etc. Esse eu transcendental não é um eu desvinculado do objeto, mas aquele que se manifesta em todos os seus atos como intencionalidade. A partir da virada transcendental, o combate ao psicologismo não consiste mais em distinguir entre objetos ideais e sujeito psicológico, mas na distinção entre subjetividade psicológica e transcendental (Porta, 2013). Além disso só por meio da redução é possível superar o psicologismo, pois é um método para o acesso intuitivo ao sujeito transcendental. O que muda em 1927 é que Husserl percebe que o psicologismo repousa sobre uma autêntica evidência, por isso deve ser refutado de modo descritivo-intuitivo. Isto é, ele repousa na percepção da identidade da subjetividade psicológica e da subjetividade transcendental, e esse paralelo só pode ser percebido quando o programa da psicologia pura for desenvolvido plenamente. Portanto, afirma Porta (2013), esse pleno desenvolvimento é uma condição necessária para a compreensão definitiva do psicologismo transcendental.

Desde o começo, Husserl tem o objetivo de superar a oposição entre objetivismo e subjetivismo e, com relação ao problema transcendental, ressalta que questionemos o sentido e a validade de toda objetividade conhecida na imanência da subjetividade e identificada no cerne de um processo subjetivo de fundação. Husserl explica que, após a suspensão da atitude natural, o interesse teórico se dirige a uma nova atitude cognitiva, para determinar as estruturas inteligíveis que vão além do meramente observável, do empírico, na qual todo sentido que o mundo tem para nós (do qual nós agora temos consciência), dentro da interioridade da nossa própria percepção, é um sentido consciente e é formado na nossa gênese subjetiva. Isso quer dizer que o mundo, conforme Husserl, “tem sido relacionado à subjetividade da consciência, em cuja vida de consciência se apresenta precisamente como “o mundo”, no sentido que tem agora, então o seu modo de ser em sua totalidade adquire uma dimensão de ininteligibilidade ou questionabilidade” (Husserl, 1927/1971, p. 9).

Quando Husserl indaga a forma de elucidar a consciência mesma, uma vez que requer esclarecimentos quanto a este mundo que aparece para nós e que só subjetivamente atinge validade,

isto é, o “mundo” que se torna conhecido nela, ele afirma que é precisamente como entendido por nós, e somente em nós, que o mundo ganhou e pode ganhar o seu sentido e validade. A problematização surgiu quando Husserl percebeu que a consciência não poderia reduzir-se apenas ao eu empírico, descrito pela psicologia empírica, que investiga a *psique* integrada à natureza psicofísica (na atitude natural) e não garante a apoditicidade. Mas deveria buscar o fundamento absoluto da consciência a ser reduzido ainda mais para se chegar ao nível transcendental, isto é, “o nível da consciência pura ou como condição de possibilidade transcendental (necessária e absoluta)” (Goto, 2008, p.89). Husserl chega à exploração eidética, ao perceber que, para alcançar o sentido do fenômeno para todas as consciências, ou seja, o sentido intersubjetivo, é preciso retornar à consciência intencional. Explica que “a ideia de uma psicologia fenomenológica pura demonstrou a possibilidade de descobrir, por uma redução fenomenológica consistente, o que pertence à própria essência do sujeito consciente em universalidade eidética, de acordo com todas as suas possíveis formas” (Husserl, 1927/1971, p.10).

Husserl aponta que, mesmo como fenomenólogo eidético, o psicólogo é transcendentalmente ingênuo, pois explora a *psique* pela redução fenomenológica, que serve como psicológica apenas para obter o aspecto psíquico em realidades animais em sua essencialidade própria pura e suas interconexões puramente específicas próprias, e atenta para o fato de que a psicologia, em todas as suas disciplinas empíricas e eidéticas, continua a ser uma “ciência positiva”. Portanto, a pergunta transcendental, em sua universalidade, inclui todo o reino da ingenuidade transcendental e põe em causa todo mundo possível, simplesmente alegado na atitude natural. Por conseguinte, todas as ciências positivas e todas as suas várias zonas de objetos devem ser submetidas transcendentalmente a uma *epoché*. Logo, a subjetividade e a consciência a que a questão transcendental recorre, não podem ser apenas o sentido de consciência e de subjetividade de que se ocupa a psicologia. Surge a questão de se seríamos então, seres duais psicologicamente.

A subjetividade transcendental, que é investigada no problema transcendental, e que é pressuposta pelo problema transcendental como uma base existente, não é outra senão novamente “Eu mesmo” e “nós mesmos”; no entanto, não como os encontrados na atitude natural do cotidiano ou da ciência positiva, apercebidos como componentes do mundo objetivamente atual diante de nós, mas sim como sujeitos da vida consciente, em que este mundo e tudo o que é presente para “nós” – “torna-se” através de determinadas apercepções (Husserl, 1927/1971, p.11).

Assim, Husserl explica que temos acesso à subjetividade transcendental por meio da experiência transcendental, e, como a experiência psíquica requer um método redutivo para a pureza, o mesmo acontece com a transcendental. Portanto, para começarmos a entender a “redução transcendental”, compreendemos que ela parte da redução psicológica e opera da mesma forma por meio de certa *epoché*. De acordo com Husserl, se a relatividade transcendental de todos os mundos possíveis exige uma *epoché* universal, esta também postula um “pôr entre parênteses” de *psiques* puras e a psicologia fenomenológica pura relacionada a eles, por meio deste (o quê?) eles são transformados em fenômenos transcendentais. Logo, o fenomenólogo transcendental por meio da sua *epoché* universal reduz esse elemento psicológico puro para subjetividade transcendental pura, para aquela que executa e põe dentro de si a apercepção do mundo, assim, para ele, que por meio de uma decisão prévia e universal de sua vontade instituiu em si mesmo o hábito do “por entre parênteses” transcendental, é inibida de uma vez por todas essa “mundanização” da consciência, comum na atitude natural.

Husserl continua a desenvolver o problema transcendental na obra *Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental*, de 1936, mais conhecida como *Krisis*, propondo uma nova investigação para chegar à subjetividade transcendental enquanto tal. A partir disso, antes de voltar à temática do psicologismo, Husserl mostra o outro como outro que não pode estar presente na minha consciência da mesma maneira como os outros entes do mundo, ou seja, o outro é o estranho do eu. A reflexão se direciona para além da egologia à intersubjetividade transcendental. Husserl afirma que todo transcendente obtém seu sentido existencial como pertencente a algo apenas em um sentido relativo e por ele incompleto, ou seja, como sentido de uma unidade intencional que é na verdade doação transcendental de sentido. Só a psicologia fenomenológica é capaz de efetuar a análise intencional no sentido pleno (Porta, 2013). Ainda, é importante atentarmos para o fato de que a reflexão fenomenológica de Husserl chega ao conceito de redução intersubjetiva, a partir da qual se

interpreta o eu como um sujeito de habitualidades e a comunidade intersubjetiva como comunidade de pessoas, ou seja, na forma pura e concretamente compreendida, a qual é também uma comunidade de “pessoas” puras agindo na esfera intersubjetiva da vida pura de consciência (Husserl, 1927/1971).

Voltando à temática do psicologismo, com o intuito de concluir essa segunda parte, Husserl assegura que a utilidade propedêutica do projeto preliminar de uma psicologia pura para uma subida à fenomenologia transcendental ainda necessita de esclarecimentos, pois, quando for desvelado o verdadeiro sentido da problemática filosófico-transcendental e da redução transcendental, ela (psicologia pura) irá em posse da fenomenologia transcendental como mera reversão de seu conteúdo doutrinário em termos transcendentais. Nesse caminho, só a superação definitiva do psicologismo transcendental supõe o pleno desenvolvimento da psicologia fenomenológica. Porém só a partir da fenomenologia transcendental a análise constitutiva plena é possível, dado que o psicologismo transcendental em sua versão definitiva só é possível após a psicologia pura, o que torna possível concluir que a fenomenologia transcendental pode superar o psicologismo de modo absoluto porque só ela é capaz de dar a ele sua forma última (Porta, 2013). A novidade que observamos é que o psicologismo transcendental em sua forma mais pura só pode ser superado por meio da redução pela via da psicologia no modo em que esta é concebida em 1927.

Sabemos que pela redução fenomenológica alcançamos, de forma reflexiva, o conhecimento do eu como fonte original de todo o saber do mundo. Desde o começo Husserl tinha como meta buscar um fundamento último para toda a argumentação filosófica na consciência do eu pensado transcendentalmente. Para provar a tese de que o psicologismo transcendental refinado só pode ser definitivamente superado pelo caminho da psicologia fenomenológica, ele esclarece que a redução acontece em dois passos, como uma dupla redução: uma redução psicológico-fenomenológica e outra fenomenológico-transcendental. Assim, só a via por meio da psicologia apresenta-se como uma redução aplicada especificamente à subjetividade, isto é, naquilo que é o realmente essencial: a subjetividade mesma (versão definitiva) (Porta, 2013).

2.3 Terceira parte: a fenomenologia transcendental como ciência universal

Na última parte do *Artigo*, nomeada “Fenomenologia Transcendental e Filosofia como Ciência Universal com fundamentos absolutos”, Husserl complementa que a fenomenologia transcendental, sistemática e plenamente desenvolvida, é *eo ipso* uma autêntica ontologia universal. É por si mesma uma ciência de fundamentos para todo e qualquer outro conhecimento, “uma ciência a priori de todos os seres concebíveis <Seienden>” (Husserl, 1927/1971, p 14). O filósofo explica que a própria função do método para alcançar uma ciência universal plenamente fundamentada demanda a tarefa infinita de estabelecer o universo completo do *a priori* em sua autorreferência transcendental e, portanto, em sua autonomia e perfeita clareza metodológica. Assim, a fenomenologia torna-se “filosofia primeira” pela autorreflexão radical e, por isso, universal. Na atitude plenamente reflexiva, o filósofo observará as coisas na sua pureza original e imediata, deixando-se orientar exclusivamente por elas. Tal filosofia primeira é a fenomenologia como a ciência descritiva eidética da consciência pura transcendental.

Na parte final do *Artigo*, Husserl explica que, na fenomenologia, os problemas racionais de qualquer espécie têm o seu lugar, logo, ela engloba os problemas filosoficamente significativos, como os metafisicamente teleológicos, os problemas éticos e os da filosofia da história. Ao falar sobre as antíteses filosóficas - como as oposições racionalismo e empirismo, relativismo e absolutismo, subjetivismo e objetivismo, ontologismo e transcendentalismo, psicologismo e antipsicologismo, positivismo e metafísica, ou a interpretação teleológica e interpretação causal do mundo -, Husserl adentra na experiência transcendental, na qual pode-se instaurar uma ontologia *a priori* com sua estruturação necessária de um mundo possível, descrita em nível fenomenológico em seus modos de doação de sentido e de fundação de ser. Husserl pontua que o subjetivismo, por exemplo, só pode ser superado por sua forma mais universal e consistente, com a resolução fenomenológica se dá a partir da esfera transcendental, na forma mais universal de uma investigação sobre as essências que está relacionada uniformemente à subjetividade transcendental e em sua orientação transcendental. A polaridade sujeito-objeto, com o mundo por ela estruturado, só pode ser elucidada originalmente por meio da suspensão radical daquilo que os polos, naturalmente considerados, implicam, integrando-os

em todos os aspectos na dimensão transcendental (De Nigris, 2015). Ademais Husserl contempla a discussão acerca do psicologismo, ao fundamentar as leis do pensamento em uma constituição psicológica; este, em retorno ao naturalismo, tomaria as “leis do pensamento” por generalizações empíricas, logo, esse movimento naturalista desacreditaria a pretensão de universalidade do que se passaria na própria esfera do pensamento filosófico. E, como consequência desse processo de crescimento do naturalismo, estabelecer-se-ia uma crise na filosofia que, por sua vez, seria uma crise dos fundamentos filosóficos. Husserl parece já introduzir essa reflexão acerca da crise das ciências, a qual refletirá também nas *Meditações Cartesianas* e na obra *Krisis*, além do artigo para a Britânica. Em *Krisis*, Husserl indaga o porquê do fracasso das ciências, perguntando pela origem dessa crise, e discorre, ainda, sobre a matematização do mundo da vida, além de elaborar uma ontologia do mundo da vida no qual tenta superar o antagonismo entre o objetivo-naturalista e o subjetivo-transcendental do pensamento moderno (Husserl, 1936/1989).

O pensamento de Husserl passou por longa e profunda evolução. No período de Halle (1887-1901) escreveu as *Investigações*; no período de Göttingen (1901-1916) elaborou sua fenomenologia pura e produziu as *Ideias*; mais tarde, em Freiburg (1916-28), produziu a fenomenologia como novo transcendentalismo ou idealismo caracterizado nas *Meditações cartesianas*. Nos últimos anos, já aposentado da universidade, refletiu sobre a crise das ciências como expressão da crise da cultura contemporânea. Husserl posteriormente direcionará a discussão para o conceito de mundo-da-vida (*Lebenswelt*), o qual serve para uma crítica radical das ciências. Ele considera o mundo-vida um novo ponto de partida no caminho para a fenomenologia transcendental, sobretudo para a subjetividade transcendental. Em 1936, a primeira e a segunda partes de *A Crise das Ciências europeias e a Fenomenologia Transcendental* foram publicadas em Belgrado pela proibição de seus trabalhos na Alemanha hitlerista, e somente em 1954 foi publicado na íntegra. Husserl morreu em abril de 1938, aos 79 anos de idade.

Considerações finais

Husserl tinha, no *Artigo*, o objetivo de conceber uma psicologia pura ou fenomenológica, quando se deu na fenomenologia a necessidade de uma via psicológica para o estudo da subjetividade. Contudo para Husserl (1927/1971) o psicologismo, a psicologia científica e naturalista não abarcavam seus objetivos, porque não davam conta do mundo irreal das essências e assim seriam incapazes de fornecer os elementos que constituem um saber absolutamente fundado, por isso ele buscou em sua teoria uma “filosofia primeira”, de forma autêntica e genuína, que possibilitasse um retrocesso do caminho já estabelecido pela ciência, elaborado pelo método fenomenológico.

Ele criticou os principais sistemas filosóficos, não somente no *Artigo* de 1927, mas também nos períodos de 1925 a 1928 e depois entre 1934 e 1937, em que estudou o projeto da psicologia fenomenológica, opondo-se também ao psicologismo, não aceitando as teorias que desconsideravam a natureza própria do psiquismo. Segundo suas ideias, a fenomenologia é a ciência que investiga as vivências intencionais, isto é, tudo aquilo que aparece à consciência em todas as suas significações possíveis. Ele apresenta a noção de fenômeno como algo puro e absoluto, ou seja, este deve ser considerado no seu aparecimento em si mesmo. Com o aparecimento dos fenômenos, aparecem também as coisas e o mundo, a partir dos nossos atos de consciência. Husserl apresenta, então, a consciência intencional, a partir de Brentano, porém reformulando-a, no sentido de que toda consciência é consciência de algo, é um visar algo que se direciona aos objetos. Por isso esta é subjetiva e se refere ao ser da própria consciência, para além de uma consciência psicológica. A partir desses conceitos, em meio à crise da razão, na qual a filosofia passava por uma fase sem credibilidade científica, Husserl instituiu um novo método de filosofar, no sentido de “voltar às coisas mesmas”, para eliminar o saber que estava estabelecido e deixar ver as coisas como apareciam. E por isso é denominado de método da redução fenomenológica, por suspender os pressupostos que impedem de ver a coisa mesma. Trata-se de suspender a atitude natural, essa que temos cotidianamente com o mundo, para com liberdade e espontaneidade realizar a *epoché* e transitar para

a atitude fenomenológica. Tal atitude não busca questionar a existência ou validade das coisas do mundo, mas um contato com as coisas evidentemente apodíticas, para chegar às suas essências. Husserl apresenta a redução eidética, para ter acesso à essência de cada fenômeno.

Nesse sentido, passando para uma nova fase em sua investigação. Husserl contempla esse tema no *Artigo* de 1927, ao explicitar que no processo de objetivação está contido o processo de subjetivação. Ao fundamentar esse processo, chega ao centro sintetizador, o “Ego”, interessado em ir além, à esfera do ego transcendental. Pois, de acordo com o autor, somente quando se alcança a transcendentalidade é que a fenomenologia pode ser considerada como filosofia primeira. Parte, então, para o estudo da redução fenomenológico-transcendental, com a intenção de descrever a consciência pura. Portanto, a psicologia pura implica uma conversão dos vividos orientados a objetos, tornando os próprios vividos em objetos investigados, e concerne à filosofia transcendental aprimorar uma *epoché* irrestrita em relação ao mundo, validando apenas a subjetividade pura.

O que interessou discutir no *Artigo* foi também a temática referente aos elementos que compõem a denominada psicologia fenomenológica, no que diz respeito à intenção metódica de Husserl em formular um novo método, puro e verdadeiro, em uma atitude de renúncia dos sistemas filosóficos, tendo em mente que, para atingir uma filosofia “perene”, devemos enfrentar e investigar a realidade, mesmo que confusa. Entendemos que Husserl objetivava com o *Artigo* uma introdução para a fenomenologia, por isso nesse artigo não fica tão claro o estudo e desenvolvimento da fenomenologia transcendental e conseqüentemente da subjetividade transcendental. Desse modo, Husserl revê esses conceitos em *Krisis*, na qual o autor, além de estudar a modernidade com relação à temporalidade, assume a fenomenologia transcendental como a única possibilidade de a filosofia conquistar o estatuto da razão absoluta, uma vez que, para ele, a filosofia é a *Ciência*. Para próximos estudos, fica a necessidade de aprofundar esse conceito. Em seus debates, Husserl discute esse tema com Heidegger, e este aponta que, quando Husserl afirma haver uma “separação” entre uma subjetividade, que é parte do mundo, e um ego transcendental, que, primeiramente, sempre estará “fora” do mundo, esse estatuto do “transcendental” fica confuso. Nesse sentido, Heidegger discorda do fundador da fenomenologia com relação a qual seria o “modo de ser” dessa subjetividade “transcendental”.

Acreditamos que o estudo do tema é relevante porque é possível identificar os elementos que compõem uma psicologia autenticamente fenomenológica, na concepção de Husserl, além de concordar com a necessidade de investigação do tema, como o autor ressaltava. Nossa inquietação com a temática partiu não só de interesses pessoais em estudar mais as fundações da fenomenologia e seus fundamentos para todas as ciências, o que desencadeou a psicologia fenomenológica – talvez ainda hoje não compreendida em seu projeto original –, mas também de nossa admiração – o “espanto”, a *thaumázein* socrática que inaugura a atitude filosófica, como “puro interesse pelo conhecimento” – com a preocupação de Husserl em estudar o fenômeno em sua totalidade e concretude, no ponto em que, ao postular a fenomenologia, opõe-se ao naturalismo, ao reducionismo e ao cientificismo, em uma postura de questionamento desses saberes em sua pesquisa filosófica. Husserl trabalha com conceitos cuja amplitude e complexidade devem ser incorporadas nas discussões acadêmicas, não só nos cursos de psicologia, mas também no posicionamento profissional em geral, tomados como atitude intelectual. Por isso acreditamos que suas obras devem ser traduzidas a fim de aumentar a acessibilidade às mesmas.

Este breve comentário do *Artigo* de Husserl se deu com o intuito de contribuir para o acesso à fenomenologia, bem como ampliar a compreensão de sua teoria. Como observamos, objetivou-se manter o sentido original da obra, aproximando-se o máximo possível do sentido de mundo que Husserl propôs. A fenomenologia vem sendo retomada por estudiosos contemporâneos, pela necessidade de entender suas contribuições e possibilidades. Tal realidade é percebida pelo número crescente de eventos, livros, publicações que revelam o interesse de profissionais e pesquisadores pelas contribuições da fenomenologia, quer enquanto fundamento ou método.

Referências

- Balbontín, C. (2015). El Problema de la Constitución de la Intersubjetividad en el Pensamiento de Husserl. *Alpha (Osorno)*, (41), 251-268. Recuperado em 14/12/2015, de <https://dx.doi.org/10.4067/S0718-22012015000200017>
- Carvalho, J. (1965). Prefácio, In Edmund Husserl, *A Filosofia como Ciência de Rigor* (pp.5-58). Coimbra: Atlântida.
- De Nigris, F. (2015). Intencionalidad, Pasividad y Autoconciencia en la Fenomenología de Husserl. *Ideas y Valores*, 64 (157), 215-250. Recuperado em 23/11/2015, de <https://dx.doi.org/10.15446/ideasyvalores.v64n157.41594>
- Goto, T. A. (2008) *Introdução à Psicologia Fenomenológica: a Nova psicologia de Edmund Husserl*. São Paulo: Paulus.
- Holanda, A.F (2014). *Fenomenologia e Humanismo: Reflexões Necessárias*. Curitiba, Juruá.
- Husserl, E. (1925). *Phenomenological Psychology*, Freiburg. Lectures, Summer Semester.
- Husserl, E. (1989). *La Crise des Sciences Européennes et la Phénoménologie Transcendantale*, Paris: Gallimard. (Original publicado em 1936).
- Husserl, E. (1971). Phenomenology – Britannica Article, Fourth Draft (R.E.Palmer, Trad.). *Journal of the British Society for Phenomenology*, 2 (2), 77-90.
- Husserl, E. (1990). *El Artículo de la Encyclopaedia Britannica* (A. Zirióñ, Trad. e ed.). Mexico: UNAM. (Original publicado em 1927).
- Porta, M. A. G. (2013). *Edmund Husserl: psicologismo, psicologia e fenomenologia*. São Paulo: Edições Loyola (Coleção Leituras Filosóficas)
- Whitehead, P. (2015). Phenomenology without correlationism: Husserl's hyletic material. *Indo-Pacific Journal of Phenomenology*, 15(2), 1-12. Recuperado em 02/02/2016, de <https://dx.doi.org/10.1080/20797222.2015.1101830>

Recebido em 30/08/2016

Aceito em 19/10/2016

Brunara Batista dos Reis: psicóloga, graduada pela Universidade Federal do Paraná. Mestranda do PPGP/UFRJ.

Adriano Furtado Holanda: graduado em psicologia (1987), mestre em psicologia clínica, pela Universidade de Brasília (1993) e doutor em psicologia, pela PUC-Campinas (2002). Professor adjunto e orientador de mestrado, pela Universidade Federal do Paraná.

Tommy Akira Goto: professor adjunto III da Pós-graduação em psicologia e da graduação em psicologia, pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), doutor em psicologia como Profissão e Ciência, pela PUC-Campinas (2007), mestre em filosofia e ciências da religião, pela Universidade Metodista de São Paulo (2002) e graduado em psicologia, pela Universidade São Marcos (1998).